

**MENÇÕES AO SEXO:
GÍRIAS E JARGÕES PARA FALAR “DAQUILO”
NA ADOLESCÊNCIA**

Wagner Pavarine Assen (UEMS)

wagner.assen@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

O jovem enquanto pertencente a uma comunidade de fala não se limita quanto aos neologismos e criações de gírias e jargões para se referirem a um termo. Por uma convenção inerente ao meio criam novas formas de expressões a todo instante por motivos dos mais diversos. Quando o assunto é sexo, as descobertas da adolescência e por hora os percalços que o assunto abarca além de vergonha traz um universo todo de novidades. Sabendo que a língua é um conjunto estruturado de normas sócias o adolescente ou o jovem fomenta diariamente a inovação de seu léxico no convívio social, e este presente estudo busca elencar, registrar e analisar os motivos de ocorrência, num determinado grupo de adolescentes de Campo Grande suas gírias e jargões para se referirem ao sexo.

Palavras-chave: Língua. Linguagem. Comunicação. Sociolinguística; gírias.

1. Introdução

A sociolinguística tem por objeto estudar os padrões de comportamentais linguísticos observados dentro de uma determinada comunidade de fala analisando de modo formal num sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis, baseados nas pesquisas de Labov (1972). Mais precisamente neste estudo as gírias dos adolescentes em referência ao sexo de modo eufêmico. Como base a noção de heterogeneidade linguística, preposta por Labov. Num viés analítico que abarca especificamente o numero de 25 adolescentes de classe média, estudante de três escolas particulares, cujos nomes preservaremos, tanto dos adolescentes quanto de suas respectivas escola. Esta pesquisa se faz na intenção primaria de registro dessas gírias, visto que gírias caem em desuso rapidamente. Em um segundo ponto já de acordo com as entrevistas analisaremos os motivos de ocorrência e como estas, em segunda instância, podem confirmar as premissas labovianas. A noção de socioleto e idioleto são relevantes para pesquisa, abarcando as gírias tanto no grupo em que as falas e nas falas individuais. Já dimensionando a comunidade de falar, pequena, de maioria homens, de idade entre 15 e 19 anos. Classe média

alta, estudantes de escola particulares. Neste caso meninas não foram entrevistadas, pelo fato de não utilizarem tais gírias em suas falas comuns, porém conhecem os usos e o significado de cada palavra.

A contemporaneidade contribui para que ocorram tantas variedades linguísticas e processos neológicos a todo instante nas comunidades de fala esses adventos são primordiais na sociolinguística. Delimitando que o termo “Comunidade de fala” para esse modelo teórico-metodológico não é entendida como um grupo de pessoas que falam exatamente igual, mas que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros; comunicam relativamente mais entre si do que com os outros e, principalmente compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem (LABOV, 1972).

Justamente por uma convecção normal ao círculo de adolescentes é que essas gírias começam a surgir. Na intenção de se “fecharem” sendo herméticos nos usos, costumes etc. Já de antemão podemos classificar segundo as premissas de Labov, que este grupo pequeno de adolescentes, é uma *comunidade inovadora*.

Baseando-se nas premissas de Labov (1972) e Burke (1997), o jargão está relacionado tanto ao ouvido do ouvinte quanto a língua do falante, os jargões até hoje desde a era medieval permeiam o falar de todo homem.

Sendo assim além de demarcar hermeticamente ou não uma determinada comunidade se perde ao longo do tempo ao cair em desuso. Esta pesquisa se dá no intuito de identificar e gravar o relato do modo de fala do adolescente campo-grandense, para que esse mesmo extinto em breve se perpetue na escrita e pesquisa.

2. Os conceitos sobre gíria e os falantes

Escolheu-se, não por acaso, um grupo formado por vinte adolescentes, campo-grandenses de idades variadas, de catorze a dezenove anos. Por verificar “novidades” na fala destes quando se referiam ao ato sexual e suas aventuras da puberdade, descobrimentos das facetas do amor e dos relacionamentos. Pode-se notar inovações no modo de falar destes quando o assunto era sexo. Ainda tabu em nossa sociedade o assunto sexo inúmeras vezes não é discutido, ensinado e abordado dentro de casa. A maioria dos adolescentes descobre o sexo sem informação e sem ensino.

Por esta perspectiva os adolescentes não deixam de conversar sobre o assunto entre si, de modo recatado, envergonhado. Inerentes a uma sociedade onde os valores morais, éticos e familiares tem como base a religião judaico-cristã, sexo é um problema para muitas famílias, visto como um pecado cria-se métodos para disfarçar tanto as vontades quanto o diálogo.

Estes adolescentes de classe média/alta, tendo ou não receio ou vergonhas para falar do assunto criaram e se apropriaram de verbetes e mudando semanticamente algumas palavras como “*maquinar*” formaram um modo novo de falar sobre sexo. Os jovens sentem vergonha, dos pais da garota principalmente, não gostariam de serem “pegos” falando sobre sexo com meninas, até mesmo por isso a invenção das gírias registradas.

Sexo ainda é um assunto em nossa sociedade, nem todas as famílias, uma minoria delas, dialogam abertamente sobre a iniciação sexual de seus filhos. Muitas escolas também pouco abordam os assuntos, a não ser em aulas de biologia, quando o assunto é “sistema reprodutor”.

A saber que essa variedade linguística se encaixa sistematicamente na premissa de heterogeneidade da língua, tais ocorrências são ordenadas bem colocadas e com função de emprego de relativa importância para a comunicação deste jovens. O principal ponto a salientar na identificação dos falantes é o aspecto da renovação lexical. Nesta correlação entre pouca idade – de descobrimentos e criatividade – e língua como produto um linguagem comunicativa de extrema criatividade e inovação.

Valido salientar que aqui a variação linguística pressupõe valor social. Aqui a delimitação de variação e dialeto é de suma importância para a análise, visto a quantidade mínima de falantes dessa variedade (gíria). Essas gírias não são aceitas por uma classe dominante, não se usa com frequência e tampouco se marcou comum aos demais jovens mesmo da mesma sala de aula por exemplo. Aqui não se verificou estigma pelo fato do uso das gírias serem mínimo e pertencente a pouquíssimos usuários.

... quando se trata da história da gíria, conhecê-la significa penetrar no mundo da marginalidade, na vida dos grupos excluídos da sociedade pela sua própria condição de pobreza ou pelas suas atividades peculiares (não raro ilícitas), os quais buscam com a criação de um vocabulário criptológico uma forma de defesa de suas comunidades restritas. Mas, por outro lado, historicamente, são os mesmos motivos de preservação e segurança que fizeram com que comerciantes ambulantes, mascates, na Idade Média, criassem seus próprios códigos secretos de identificação. E essa gíria da marginalidade e do comércio se mistura também à de um povo surgido na Índia, historicamente discriminado, os ciga-

nos, que, com sua vida nômade, espalharam seu vocabulário em várias áreas da Europa e, posteriormente, da América. (PRETI, 2006, p. 242)

Valendo-se dos pressupostos históricos e sociais da linguagem de Burke, que analisa em sua trilogia que estuda a história social da linguagem, línguas e jargões e Preti (2004) ambos conceituam gíria como sinônimo de jargão, uma fala hermética de um determinado grupo de falantes. Trajetos de ciganos, comerciantes, médicos, ladrões ou qualquer profissional de qualquer área desde o princípio se apropriam de uma variante específica que semanticamente só pertence a eles mesmos. Para Burke (1997) e como retrataremos a diante, muitos dessas gírias são formados por solecismo ou vícios de linguagem que facilitariam, possivelmente, a comunicação.

Sinonimamente a gíria e a palavra “jargão”, abordada por Burke (1997)

muda seu significado ao longo do tempo e também passa a significar uma linguagem do submundo um tipo de gíria (como dizemos hoje em dia) que ajudava a tornar a atividade de pedintes, ladrões e vigaristas incompreensíveis para o cidadão comum. Era uma *antilinguagem* de uma de uma contracultura ou uma linguagem para marginais.

De longe considerando os jovens entrevistados marginais, e jamais os classificando coma carga discriminatória que a palavra carrega, cabe ao trabalho a análise da linguagem em si e como os processos comunicativos se inserem nas premissas sociolinguísticas. Se dermos um passo ainda mais largo, pode-se ainda classificar como “socioleto”, pois se baseia no modelo dialetal, seriam classificados, no início do século, como “línguas especiais”. Sim, pois neste caso se formou palavras pelo processo de neologismo e com as palavras já utilizadas transformou-se seus significados.

Dino Preti no resumo de seu artigo embasa tanto o estudo sobre gíria quanto o conceito em si:

A gíria é a marca característica da linguagem de um grupo social. Torna-se difícil analisar esse fenômeno sob um enfoque geográfico, embora possa afirmar-se que a gíria é predominantemente um vocabulário urbano. Mas, de qualquer ponto geográfico que possamos partir, a gíria estará sempre ligada a um grupo social diferente. Mas também é possível dizer que é na maior variedade das *situações de interação* da cidade que ela surge como um importante recurso de expressividade... (PRETI, [s./d.]).

3. *Das análises: falando “isso” para se referir “aquilo”*

Dentre os processos de dinamismo da criação de gíria, antes de tudo, desde sua propagação, ressignificação e desuso, muitas dessas gírias, adiante registradas e analisadas, poderão não mais estar sendo utilizadas, caindo em desuso ou voltando para seu uso habitual de significação comum aos falantes de demais grupos. Muito provavelmente, ainda, os vocábulos analisados podem, num futuro próximo, perder sua significação e simbologia dentro do grupo.

Percebe-se a primeira máxima analítica de escolha lexical das gírias, a oposição dos valores tradicionais. Escolheu-se três palavras específicas e por critério de frequência de uso, são elas:

– *maquinar*

– *mexer*

– *binganbar* (grafado, segundo os próprios entrevistados, com ‘b’ não precedido de ‘m’, como rege a gramática).

A priori os três vocábulos surgem caracterizados pelo processo eufêmico, visto a necessidade de “camuflar” o assunto, o sexo propriamente dito. Quanto ao eufemismo Bechara presume que

o eufemismo deixou de mover a culpa de um interlocutor polido para dinamizar estratégica retórica de quem se comunica com o público como os políticos e a mídia de uma forma geral, desviando, assim, o seu foco principal e ampliando sua interface pública com o intuito meramente de obter resultados positivos para si próprios por meio da criação e da motivação retórica. (BECHARA, 2005, p. 311)

Sendo assim o uso destes verbetes tem suas bases criativas na amenização ou abrandamento da informação real, o falar de sexo, para uma garota como receptora por exemplo.

Sobre os usos temos que “maquinar” representa “fazer sexo”, temos a sentenças:

a- “*Eu estava maquinando ela.*”

b- “*Vamos maquinar?*”

c- “*Quero maquinar.*”

Nota-se aqui, que a semântica muda quando aplicadas nas frases. Lembrando que todos os entrevistados são do sexo masculino, pois até então a gíria surge num grupo de meninos, não sendo utilizados até então

por meninas do mesmo convívio. Tal processo pode ser classificado como derivação impropria visto que muda a classe gramatical da palavra, onde ‘maquina’ é substantivo e passa a ser conjugado como verbo, ‘maquinar’. Dicotomicamente indaga-se até que ponto cabe normatizar gramaticalmente os processos neológicos das gírias. Dito isto, as formações frasais ainda se incumbem nos diálogo direto entre os meninos, e quando direcionados as meninas os do grupo se apropriam desta linguagem nas redes sociais (*whatsapp, facebook* etc.). A justificativa para o uso é justamente a camuflagem para que outras pessoas ou até mesmo os pais da garota percebam o que eles estão querendo dizer.

Reflexos sociais exacerbados nestes diálogos onde o assunto é ‘tabu’ até os dias atuais.

– *mexer (verbo)*

Empregado com os mesmos princípios e interesses comuns do vocábulo citado acima, o “*mexer*” é mais usado entre eles, quando se referem às outras garotas com quem estão “*mexendo*”. Particularmente esta gíria é mais hermética ainda, pois os meninos não querem que as meninas saibam que eles estão “*mexendo*” elas, frisa-se o “*mexendo elas*” e não “*mexendo com elas*”, “*mexer*” é a primeira etapa do flerte, o início da conversa não significando sexo, mas o começo do processo que leva a ele. As construções dos diálogos ficam:

a- “*Cara eu tô mexendo uma mina!*”

b- “*Eaita mexendo quem?*”

c- “*Mexi a mina errada!*”

d- “*Eu mexi ela*” ou “*vou mexer ela*”

Mexer aqui se transforma semanticamente em outra palavra, mudando o significado comumente usado na maioria da sociedade, não considerando o desvio quanto a regência.

O mais intrigante das gírias analisadas é de longe “binganbar”, que de antemão foge a norma gramatical da grafia. Os próprios alunos entrevistados não souberam explicar qual a raiz, e se procuramos raízes etimológicas para a criação dessa palavra não faria nenhum sentido. Não é possível conceituar qual processo formador deste vocábulo, se composição ou derivação, e nenhum deles, tampouco, é o mais provável.

– *binganbar*

Refere-se mais veementemente ao sexo, ao ato sexual em si. “Binganbar” é um verbo sinônimo de transar. Para não ser vulgar e agressivo com as meninas, utiliza-se “binganbar”, para que os pais destas garotas também não percebam, eles usam este verbete nas mensagens trocadas.

As sentenças:

a- “*Binganbei hoje*”

b- “*Onde esta fulano? Esta binganbando*”

c- Todas as possíveis variações e conjugações de verbo novo são aplicáveis, porém principalmente nas mensagens das redes sociais e na comunicação oral entre eles.

Nesses processos de formação de palavras antes se mais nada, se da por eufemismo. Aqui não cabe o quesito estrangeirismo, visto que nenhuma das palavras criadas foram derivadas de palavras não portuguesas, estrangeiras, tão pouco barbarismo ou solecismo. Se valermos do viés “figuras de sintaxe” na construção de frase caberia *solecismo*:

– *estou mexendo com ela > estou mexendo ela.*

Tais palavras se encaixam gramaticalmente em *figuras de pensamento*, bem como ironia, hipérbole ou paradoxo. É claro a utilização de recurso, por ser eufemismo um recurso de abrandamento na fala, uma comunicação não objetiva e que precisa de um certo entendimento contextual para fazer sentido. Eufemismo se prova pela vergonha sobre o assunto e pela necessidade de “camuflar” o que esta sendo falado. Nas redes sociais, meio que todos os jovens (desta pesquisa) utilizam para se comunicar também é um lugar, para eles, inóspito a uma comunicação aberta que se utiliza de todos os termos que se referem ao ato sexual em si e ao sexo em geral.

Os verbos *mexer e maquirar* são os únicos que os jovens também se utilizam com o mesmo significado do, já em desuso pelos jovens, “paquerar”. Nas construções frasais temos:

– quando a menina esta sendo “paquera”: *estou mexendo ela* (diz o garoto)

Em tempos idos, mexer já significava paquerar, mas aqui é mais voltado ao sexo, pelo menos para esse grupo de meninos.

Das variedades tanto léxicas neológicas, como binganbar, enqua-

dra-se estes jovens como uma comunidade inovadora, que em constante inovação altera sua comunicação. Marcando assim sua jovialidade, sua intenção, sua identidade.

4. Considerações finais

Visto que o estudo prioriza o registro em si destes verbetes ou gírias criadas por estes jovens, analisar os processos de criação requer constância analítica até que essas gírias entrem em desuso. E mesmo que estas jamais voltem a ser faladas cabe a este registro recordar sua importância na comunicação dessa época. Estes recursos expressivos se fundamentam na criatividade do jovem, na necessidade de se comunicar de modo “exclusivo”, essas gírias demonstram potencial linguístico independente do prestígio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: 1997.

BURKE-PORTER, Peter-Roy. *Línguas e jargões: contribuições para uma história social da linguagem*. São Paulo: UNESP, 1997.

CALLOU, D.; LEITE, Y. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CALVET, L. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

PRETI, Dino. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____. *O léxico na linguagem popular: a gíria*. [s./d.]. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcvlport/pdf/slp18/02.pdf>>.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.

_____. *O eufemismo como mudança valorativa do significado: um olhar*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

sobre os discursos jornalístico e político. 2008.

<<http://www.webartigos.com/artigos/o-eufemismo-como-mudanca-valorativa-do-significado-um-olhar-sobre-os-discursos-jornalístico-e-político/29633/#ixzz3XOz2umW5>>.